

Olivier Guez

**O Desaparecimento
de Josef Mengele**

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

À memória de Ada e Giuditta Spizzichino,
Grazia Di Segni e Rossana Calò

Tu que fizeste tanto mal a um homem simples
E riste ao ver o seu sofrimento
Não te julgues a salvo
Porque o poeta lembra-se.

CZESLAW MIŁOZ

Primeira parte

O paxá

A felicidade só está naquilo que agita, e nada agita como o crime; a virtude [...] nunca pode levar à felicidade.

SADE

1

O *North King* fende a água barrenta do rio. Empoleirados no convés superior, desde o nascer do dia que os passageiros perscrutam o horizonte, e agora que os guindastes dos estaleiros navais e a linha encarnada dos armazéns do porto se mostram no meio da bruma, os alemães entoam um cântico militar, os italianos benzem-se, os judeus rezam, apesar da chuva miudinha, casais beijam-se, o pacote chega a Buenos Aires ao cabo de três semanas de travessia.

Sozinho junto à amurada, Helmut Gregor pensa.

Esperava que uma vedeta da polícia secreta fosse buscá-lo ao navio e lhe poupasse os incômodos da alfândega. Em Génova, onde embarcou, suplicou a Kurt que lhe fizesse esse favor, apresentou-se como um cientista, um geneticista de renome, e ofereceu-lhe dinheiro (Gregor tem muito dinheiro), mas o passador esquivou-se, todo ele sorrisos: esse género de mordomia é só para o peixe graúdo, os dignitários do antigo regime, raramente para um capitão das SS. Mesmo assim, vai enviar um telegrama para Buenos Aires, Gregor pode contar com ele.

Kurt embolsou os marcos, mas a vedeta não apareceu. Por isso Gregor espera no gigantesco átrio da alfândega argentina, com os outros emigrantes. Tem consigo duas malas que não larga, uma grande e outra pequena, e examina a Europa exilada à sua volta, as longas filas de anónimos elegantes ou desmazelados dos quais se manteve afastado durante a viagem. Preferiu olhar para o oceano e para as estrelas ou ler poesia alemã no seu camarote; passou em revista os quatro últimos anos da sua vida, desde que saiu à pressa da Polónia, em 1945, e mergulhou no mar da Wehrmacht para escapar às garras do Exército Vermelho: o seu internamento de poucas semanas num campo de prisioneiros americano, a sua libertação porque possui papéis falsos em nome de Fritz Ullmann, o tempo que passou escondido numa quinta na Baviera perto de Günzburg, a sua cidade natal, onde ceifou feno e escolheu batatas durante três anos e se fazia passar por Fritz Hollmann, e depois a fuga na Páscoa, há apenas dois meses, a travessia dos Dolomitas por trilhos escondidos de contrabandistas, a chegada a Itália, ao Tirol do Sul, onde se tornou Helmut Gregor, e por fim a Génova, onde Kurt, o bandido, o ajudou nas diligências necessárias junto das autoridades italianas e da imigração argentina.

2

O fugitivo mostra ao funcionário da alfândega um documento de viagem da Cruz Vermelha Internacional, uma

autorização de desembarque e um visto de entrada: Helmut Gregor, 1,74 m, olhos castanho-esverdeados, nascido a 6 de Agosto de 1911 em Termena, comuna do Tirol do Sul, cidadão alemão de nacionalidade italiana, católico, profissão mecânico. Morada em Buenos Aires: Calle Arenales, 2460, bairro de Florida, a/c Gerard Malbranc.

O aduaneiro inspecciona a mala grande, as roupas meticulosamente dobradas, o retrato de uma mulher loura e delicada, livros e alguns discos de ópera, e então faz uma careta ao descobrir o conteúdo da mais pequena: seringas hipodérmicas, cadernos cheios de apontamentos e de esquemas anatómicos, amostras de sangue, placas de células: estranho para um mecânico. Chama o médico do porto.

Gregor estremece. Correu riscos desmedidos para conservar a mala comprometida, fruto precioso de anos e anos de investigação, toda a sua vida, que levou consigo ao deixar à pressa a sua colocação na Polónia. Se os soviéticos o tivessem apanhado com ela, tê-lo-iam executado sem mais formalidades. A caminho do Ocidente, em 1945, na Primavera da grande derrocada alemã, confiou-a a uma enfermeira complacente que mais tarde reencontrou no Leste da Alemanha, na zona soviética, numa expedição louca, depois de ter sido libertado do campo de prisioneiros americano e de três semanas de viagem. Passou-a então a Hans Sedlmeier, seu amigo de infância e homem de confiança do pai, um industrial, com quem se encontrou com regularidade nos bosques à volta da quinta onde se escondeu durante três anos. Gregor não teria deixado a Europa sem a sua mala, que Sedlmeier lhe devolveu antes de ele partir para Itália, com um grosso sobrescrito cheio de

notas. E agora um idiota de unhas sujas está à beira de estragar tudo, pensa Gregor, enquanto o médico do porto inspeciona as amostras e os apontamentos escritos numa caligrafia gótica e cerrada. Como não compreende nada, interroga-o em espanhol e em alemão, e o mecânico explica-lhe a sua vocação de biólogo amador. Os dois homens miram-se e o médico, que está desejoso de ir tomar o pequeno-almoço, faz sinal ao funcionário de que pode deixar passar.

Neste 22 de Junho de 1949, Helmut Gregor chega ao santuário argentino.

3

Em Génova, Kurt tinha-lhe prometido que um médico alemão estaria à sua espera no porto para o levar a casa de Malbranc, mas, mais uma vez, o passador enganou-o.

Gregor anda de um lado para o outro, à chuva. Talvez o seu contacto tenha ficado retido no trânsito. Observa o cais, o bailado dos estivadores, as famílias reunidas que se eclipsam a sorrir, as pilhas de couros e os fardos de lã nas zonas de carga dos cargueiros. Nenhum médico alemão no horizonte. Consulta o relógio, a sirene de um navio-frigorífico apita, Gregor, ansioso, pensa em dirigir-se sozinho a casa de Malbranc, mas decide esperar, é o mais prudente. Não tarda que seja o único passageiro do *North King* ainda no cais.

Dois calabreses carregados como mulas propõem-lhe partilhar um táxi. Gregor surpreende-se a si mesmo ao seguir os

piolhosos, neste seu primeiro dia em terras sul-americanas não lhe apetece estar sozinho, e além disso não tem sítio algum para onde ir.

4

No Hotel Palermo partilha um quarto sem sanitários nem lavatório com os seus dois companheiros, que troçam dele: Gregor, o tirolês do Sul, não percebe uma palavra de italiano. Amaldiçoa a sua escolha mas aguenta, aceita algumas rodelas de chouriço com alho e adormece exausto, a maleta bem encaixada entre as costas e a parede, ao abrigo da cobiça dos dois homens.

No dia seguinte de manhã, está pronto para meter mãos à obra. Em casa de Malbranc ninguém atende os seus telefonemas. Mete-se num táxi, deixa a maleta num dos cacifos da estação ferroviária e dirige-se a uma tranquila rua do bairro Florida. Bate à porta de uma espaçosa *villa* de estilo neo-colonial. Volta uma hora mais tarde, torna a bater e depois telefona, três vezes, do café onde se refugiou.

Em Génova, Kurt deu-lhe um segundo contacto em Buenos Aires: Friedrich Schlottmann, homem de negócios alemão, proprietário de uma florescente empresa têxtil. Em 1947, Schlottmann financiou a extracção de pilotos e engenheiros da Luftwaffe via Escandinávia.

– O homem é poderoso. Poderá ajudar-te a arranjar um emprego e novos amigos – disse-lhe Kurt.

Chegado à sede da Sedalana, Gregor exige falar com Schlottmann, mas o patrão vai estar fora toda a semana. Como insiste, uma secretária leva-o a um dos responsáveis pelos recursos humanos, um germano-argentino de fato assertado cujo aspecto lhe desagrada no mesmo instante. Gregor é candidato a um lugar de director, mas o jovem de cabelos empastados em brilhantina propõe-lhe em vez disso um trabalho de operário «muito honroso»: escovar a lã que chega todos os dias da Patagónia é o habitual para os camaradas acabados de desembarcar. Gregor ofende-se, está capaz de saltar à garganta do biltre. Ele, filho de uma boa família, com dois doutoramentos em Antropologia e Medicina, a desembaraçar e escovar tosões de carneiro ao lado de índios e metecos no meio dos eflúvios de produtos tóxicos, dez horas por dia, nos arredores de Buenos Aires? Bate com a porta do gabinete do funcionário e jura fazer a folha a Kurt quando regressar à Europa.

5

Gregor faz o balanço da situação enquanto beberica uma laranja. Arranjar um emprego, aprender cem palavras de espanhol todos os dias, encontrar Malbranc, um antigo agente da rede Bolívar da Abwehr, os serviços de contra-espionagem nazis; fazer das tripas coração e continuar com os dois calabreses, apesar de ter dinheiro para pagar um bom hotel. Do dialecto dos meridionais só compreendeu que são

veteranos fascistas da conquista da Abissínia. São soldados, não o trairão, de modo que o melhor é não dar nas vistas e conservar as suas preciosas divisas, o futuro é incerto, Gregor nunca foi temerário.

Avellaneda, La Boca, Monserrat, Congreso... com um mapa aberto em cima da cama, familiariza-se com a topografia de Buenos Aires e sente-se minúsculo diante do tabuleiro, uma pulga insignificante, ele que não há muito tempo aterrorizava todo um reino. Gregor recorda um outro tabuleiro, barracões, câmaras de gás, crematórios, vias-férreas, onde passou os seus melhores anos de engenheiro da raça, uma cidade proibida cheia do cheiro acre de carnes e cabelos queimados, cinturada por arame farpado e torres de vigia. De mota, de bicicleta ou de carro, circulava por entre os homens sem rosto, infatigável *dandy* canibal, botas, luvas, uniforme impecáveis, o quépi um tudo-nada inclinado. Enfrentar-lhe o olhar ou dirigir-lhe a palavra eram coisas proibidas; até os seus camaradas da ordem negra tinham medo dele. Na gare onde se fazia a triagem dos judeus da Europa, estavam todos embriagados, mas ele mantinha-se sóbrio, a assobiar alguns compassos da *Tosca*, a sorrir. Nunca abandonar-se a um sentimento humano. A piedade é uma fraqueza: com um movimento do pingalim, o onnipotente selava a sorte das suas vítimas, à esquerda a morte imediata, as câmaras de gás, à direita a morte lenta, os trabalhos forçados ou o seu laboratório, o maior do mundo, que alimentava de «material humano adequado» (anões, gigantes, estropiados, gémeos) todos os dias à chegada dos comboios. Injectar, medir, sangrar; retalhar, assassinar, autopsiar: à sua disposição, um zoo de crianças-cobaias para desvendar os

segredos da gêmeidade, para produzir super-homens e tornar os alemães mais fecundos e poder um dia povoar de camponeses-soldados os territórios do Leste arrancados aos eslavos e defender a raça nórdica. Guardião da pureza da raça e alquimista do homem novo: uma formidável carreira académica e o reconhecimento do Reich vitorioso esperavam-no no pós-guerra.

Sangue pelo chão, a sua louca ambição, o grande desígnio de Heinrich Himmler, o seu chefe supremo.

Auschwitz, Maio de 1943-Janeiro de 1945.

Gregor é o *Anjo da Morte*, o doutor Josef Mengele.